

Pena que foi Ontem

pena que foi ontem

caio garrido

Sumário da Individuação de Ezequiel

<i>Vertigem</i>	07
<i>O</i>	
<i>Portal</i>	09
<i>Infância e</i>	
<i>Família</i>	11
<i>Controlando as “dezenas” que caem em seus</i>	
<i>pés</i>	17
<i>Sua dor</i>	23
<i>Seus sonhos</i>	27
<i>Fotografias e</i>	
<i>Acasos</i>	31
<i>Passeios</i>	
<i>Gratuitos</i>	33
<i>Nascimento</i>	35
<i>Mais</i>	
<i>viagens</i>	37
<i>Tempestividades Festivas e</i>	
<i>Falarsofias</i>	41
<i>O Tempo Devora Tudo</i>	43
<i>Silêncio</i>	45
<i>Morte</i>	47

<i>As águas dos olhos dele não são mais as mesmas.....</i>	49
<i>Correntes do Tempo.....</i>	51
<i>Insônia Soporífera e Delírios Oníricos.....</i>	55
<i>Sonhos enlutados.....</i>	57
<i>Um dia de Natal.....</i>	59
<i>Navegando.....</i>	61
<i>Dias de tormenta.....</i>	65
<i>Renovação.....</i>	71
<i>A Partida.....</i>	73
<i>Novas fugas?.....</i>	75
<i>Instinto e Loucura.....</i>	77
<i>Identidade extraviada.....</i>	81
<i>Verdades ao Avesso.....</i>	83
<i>Caminhos.....</i>	85
<i>Um sonho de dar inveja aos pássaros.....</i>	87
<i>Divagações de um Homem à beira de um Futuro</i>	89
<i>Cartomantes insensíveis.....</i>	91
<i>Aura de Mistério.....</i>	93

<i>Desacelerando o Vazio</i>	97
<i>Na cabana de vento</i>	99
<i>A estória</i>	103
<i>Vínculo perdido</i>	107
<i>Assombração Supramolecular</i>	113
<i>Frutos da Alma</i>	115
<i>Em Ponto</i>	119
<i>Atenção, é Primavera, a Quarta</i> <i>Estação</i>	121
<i>Vida</i> <i>Particular</i>	125
<i>Moratória</i>	127
<i>Pepe</i>	129
<i>Fim?</i>	131
<i>Pena que foi ontem</i>	133
<i>Agradecimentos</i>	135

Vertigem

Era uma segunda-feira chuvosa. Um dia de verão. Mas naquela manhã atípica, não parecia verão.

Nas toscas encostas das colinas amanteigadas, um vento frio se abatia e batia como folhas de carvão se diluindo no espaço a uma velocidade alucinante. Minha cabeça reluzia em sinuosas vertigens de colapso construtivo.

Eu presenciava um fato naquele momento...

Um recorte de uma vida alheia:

Aquele cara, antes pobre, mas agora já destituído de sua pobreza, em sua secreta casa de campo, lembrava histórias que mal podiam ser contadas.

A atenção se fincava em um local: Era um beiral de uma chaminé, donde saía uma luz abraçal com forte tom branco, e com nervosos ventos debatendo-se sobre suas camadas de concreto. Naquela casa longínqua habita um homem. Seu nome é Ezequiel.

Ezequiel em sua onda de humor branco e destilado, não via mais sinais de lisura humana.

Inusitado dom esse que o fazia ficar tórrido de solidão amável e luxuosa.

Mantinha em seu quarto uma quantidade razoável de gatos. Eles tremiam como ratos naquele dia chuvoso. O mais velho dos gatos, já senil, coitado, parecia estar carregando a própria cabeça como se fosse um guarda-chuva preso numa algema roubada do cárcere.

Conforme a chuva caía, ia derrubando o ar de ozônio que não estava mais de plantão durante estes tempos.

A chuva tem dois lados: um lado fino, sutil, etéreo. E o outro grosso, pesado, denso e cheio de vicissitudes.

Este lado denso e pesado da chuva, nesse imperativo dia, o fazia pensar em muitas coisas que já havia tolhido de sua sensibilidade, mas que de alguma forma ainda estavam ali.

Ezequiel fora carpinteiro quando jovem. De uma família de nove irmãos, duas mulheres e sete homens, ele era o mais novo. Enquanto jovem, semeava a sensação subjetiva de estar sempre longe dos outros. Não via destino em sua vida. Relativizava tudo. Como o último dos irmãos, se achava realmente o último.

Paradoxalmente, a vida nele vibrava. Vibrava em tons verde-fosforescentes colorindo suas pálpebras com calor em dias mais abastados. Ele tinha um brilho interno represado, como um trunfo para a próxima jogada, mesmo estando o jogo já deveras perdido.

Sua família era pobre. Logo ao nascer, sua mãe se foi no parto, abriu-se ao infinito. Seu pai nunca o culpou, assim como seus irmãos e parentes.

Ele tinha vaga noção do que aconteceu... Óbvio... Mas as lembranças alheias à sua vontade não o deixavam em mínima paz.

E naquele dia escuro de falso verão, ele pôde lembrar-se de muitas coisas...

O Portal

Ezequiel temia a sorte... A própria sorte.

Ambicionava muita vida, muitas possíveis satisfações, mas não se permitia realizá-las.

Um suplício de desejo sempre o apanhava. Para sentir fome, bastava desatar um nó.

Mas vivia para não se perder.

Em sua grande e luxuosa casa de campo havia um Portal. Esse Portal, como era de se esperar, definia o que iria entrar e sair daquele “albergue” incrustado e finito, em que um dia pairou um homem, uma alma.

Pairou um dia, porque a alma parecia já ter se deslocado de Ezequiel.

Passava dias e noites acordado, isolado em seu templo de dor. Não se permitia mais o prazer, apesar das fagulhas que ainda o consumiam.

Nesse Portal havia plantas trepadeiras e restos de pequenas árvores em volta, que mais pareciam cactos. Eles o representavam.

Assim como a sorte, Ezequiel agora já com seus 55 anos, temia a morte. Mais do que a morte, temia o esquecimento.

Um esquecimento que estava zunindo em si.

Ezequiel fora casado. Teve mulher e dois filhos, um casal. Mas o destino concorreu com sua felicidade. Ocorreu uma ruptura, que se deu exatamente em um infausto, sinistro e espelhoso dia, chuvoso como este, no Portal.

Ele agora estava revestido de sonhos apenas. Apesar de que na maioria das vezes eram belos pesadelos.

Nunca soube exatamente o que aconteceu direito no dia desventurado. Acho que nunca quis saber realmente. Mantinha dentro de si, e diante de si, uma certa postura de

distância, que imprimia uma certa suficiência de energia para enfrentar os dias.

Determinada noite, teve um sonho. E se dava exatamente neste Portal.

Nesse sonho, Ezequiel corria fervorosamente no quintal. Era mais jovem, forte e feliz. Tinha dezenas de crianças a sua volta, que pareciam quase imitá-lo.

Ao correr, via dados gigantes com números pretos gritantes que pareciam saltar dos dados. Tinha uma enorme impressão de esmagamento ao correr por entre as crianças e os dados. Até que uma mulher aparece e o salva saindo através do Portal. Em sua inteireza corporal, esta mulher, Ezequiel não sabia quem era. Parecia ser uma mistura de sua mãe, sua mulher e sua irmã mais velha. Ela tinha um aspecto saudável e aprazível. Saindo do Portal, sentiu um forte alívio. Mas o que era alívio se tornou terror. Vieram leões e “pastores-alemães” a correr por perto, e tentavam abatê-lo e fazê-lo fugir. Sob seus pés apareciam bolhas. Bolhas de querosene que se tornavam cada vez maiores e prestes a explodir. O que era aquele querosene? Algo ligado ao fatídico dia? ... E o sonho se seguiu. Em seu seguimento uma voz parou e disse: “Determinado está. Apenas finja!”. Ezequiel parou e sentiu uma enorme dor, retornou e dividiu-se em dois, e logo depois se sentiu mais relaxado do que nunca. O que o despertou foi o barulho da chuva batendo no Portal...

Infância e Família

Na sua precocidade juvenil, Ezequiel apontava o dedo para o que gostava e o que não gostava de forma sempre veemente. Possuía um instinto mágico dando vida a tudo o que a gosto ou contragosto passava por si.

Foi uma criança ativa, mas ao mesmo tempo introspectiva. Gostava de brincar ao ar livre, mas seu verdadeiro lar estava na sua própria cabeça e imaginação.

Ezequiba não gostava do espelho. Ele era alto, magro, tinha uma cicatriz no rosto, resultado do parto sem planejamento aeróbico. Meio corcundinha, além de tudo e ainda mais, tinha os olhos como duas pequenas lantejoulas grudadas no rosto.

Apesar de se achar o “último” dos irmãos e se afastar um pouco, seus mais chegados sempre foram os mais próximos de idade. Pedro era seu irmão mais imediato, e em seus encontros matinais no quintal de sua humilde casa, jogavam bolinhas de pedra modeladas pelas próprias mãos e férteis fantasias de Ezequiel. Ele juntava pequenas pedrinhas e arrumava um jeito sabe-se-lá como, de colá-las umas às outras.

Pedro, com seus lábios esgarçados, formando um molde ovalar (que muitas vezes servia-o muito bem para soltar os silvestres grunhidos que lhe tomavam a ideia) gostava de beijar Ezequiel na face, o que por vezes deixava-o envergonhado e nervoso. Mas Ezequiel acabava ignorando isso tudo, pois era premente para ele, deixar Pedro se expressar da forma que lhe fosse possível.

Eles eram amigos dedicados e tinham intensas alterações engraçadas de humor quando eram obrigados pelo seu pai e sua tia a parar de brincar e ir almoçar ou fazer seus deveres.

Seu pai tinha uma postura calma, mas ativa, e seu semblante sempre demonstrava seriedade. Seriedade na criação de seus filhos, que eram muitos e que o deixavam muitas vezes de cabelo em pé e deitado. A distância das idades entre os irmãos era pequena, no máximo de dois anos entre um e outro. Pela falta da mãe, com a ajuda da tia de Ezequiel, os filhos foram sendo criados com muita dificuldade.

Tia Mara. Era assim que carinhosamente Ezequiel a chamava. Costumava falar: “Maravilha!”... Ela sempre muito afetuosa, entendia o que se passava e não deixava dúvidas a ele de seu sentimento terno. Na sua mocidade, Ezequiel era chamado de iluminado imberbe por ela, pois ele deixava sua careca reluzindo ao bel prazer do sol. Ele adorava raspar a cabeça para se prevenir de possíveis piolhos-de-verão que pudessem aflorar em seu obeso e oleoso couro cabeludo. Mas também não se reprimia em dizer que tinha prazer em deixar a cuca fresca, para ver se conseguia a proeza de educar e refrescar seus protopensamentos.

Ezequiel tinha uma irmã de que muito gostava. Na sua pré-adolescência, Flávia o ajudava nas tarefas do lar e tinha uma amizade quase perfeita com ele. Laços inquebrantáveis os uniam, e os faziam parecer terem nascidos juntos, apesar de terem um ano de diferença de um em relação ao outro.

Todo seu tom afetivo em relação às mulheres nasceu de alguma forma do bom relacionamento que mantinha com Flávia.

Ezequiel sempre tivera muitas histórias para contar. E uma delas foi uma cômica aparição de uma fantasmagórica imagem em uma aventura que se meteram ele e a irmã.

Num dia claro e calmo de domingo, foram se aventurar perto de uma pequena floresta que ficava perto de sua

casa. Lá havia uma cachoeira e tiveram a ideia de se engalfinhar em meio às pequenas correntezas. Nadaram, jogaram, entretiveram-se, mas em todo o tempo que por lá estiveram, ambos sentiram estarem sendo acompanhados por algo invisível. Tornou-se essa ideia algo risível para os dois. Mas lá pelo final da tarde, Ezequiel gelou e sentiu seus ossos girarem em torno de si mesmo, com um frio na espinha que congelaria até a mais quente luz de um raio solar desprevenido no universo. Eles viram um vulto branco, que apareceu e logo sumiu em uma das encostas de uma grande pedra próxima à cachoeira. Talvez tenha sido a aparição do mítico Homem das Águas de Gelo, que sempre fez partes dos contos daquele lugar; Dizem que ele costumava revelar-se sempre que sentisse a sujeição de verificar as “Obras de Deus” na Terra. Os filhos de Deus seriam amparados ou desamparados de acordo com sua vil experiência e interesse arbitrário. Diziam também que sempre surgia às vésperas de “pequenas tragédias”.

Flávia, naquele momento crítico, gritou, mas Ezequiel ficou estático, amparando a irmã depois. Nunca souberam a verdadeira natureza do vulto. Ezequiel se ajoelhou gracejando e pediu para Flávia correr. E ela correu, sacolejando as pernas magras e malemolentes. Só quando chegaram em casa, foi que perceberam ter deixado a maior parte de suas roupas próximo à cachoeira. Ezequiel estava semi-pelado, e Flávia acompanhada somente de fina cutícula avermelhada, seu maiô oriental. Mas não se acabrunharam por tal fato. No dia seguinte voltaram e encontraram suas respectivas vestes. Encontravam-se tortas, rasgadas e com bolhas, principalmente as sandálias da menina... Sinais?... Acentuaram a vigília no mato e saíram correndo. De novo... Talvez foi a última corrida que Flávia verdadeiramente deu...

Flávia ficara manca, e dos dois pés. Ezequiel era seu braço direito. E seu pé direito também. Conta a lenda - se verdadeira ou não só os dois sabiam- que ela ficou assim por acaso, num pisão em falso em um shopping center. Ela era muito do campo. Por lá morava e não surtia muito efeito nela, visitar a cidade. Certo dia, garoto Ezequiel, um gameta a procura de fecundação, convidou-a. Queria ver as meninas da cidade. Ela, mesmo a contragosto, se embonitou toda e foi.

Deus perdoe quem viu a situação toda e não se desordenou a rir e se bagunçar por dentro, apesar da trágica situação... Ezequiel chamou-a num segundo e disse: "Venha, suba a escada rolante." Ela foi... Tremelicando seus joelhos e com sua terrível ansiedade principiante, subia mais rápido do que a escada tecia seus movimentos. Em meio à sua pequena caminhada a favor e contra ao vento, seu pequeno novo sapato engastalhou na divisória entre um degrau e outro... Resultado final: Dois tornozelos quebrados e desossados, deixando um rastro de trauma psíquico e físico na moça, além de ela ter de embuçar-se, cobrindo o rosto com seu top, desnudando seu sutiã-suspensório mal amarrado.

Emocionante para quem viu. Terrível para quem viveu. E foi assim que Ezequiel virou seu melhor confidente. Ele viu aquilo que poucos na vida dela puderam ver. Ela fechou-se para si e para o mundo. Tornou-se um exemplo de recato quase caricatural. Misturada nela estava o fogo de uma pintura mal desenhada.

Disso tudo resultou a capacidade quase inata de ajoelhar e pedir a Deus uma vida melhor... Com o tempo, uma monja ela se tornaria, e iria sempre pedir perdão por algo que nunca fez.

Seus mancos pés traduziam-se como símbolos de uma resistência de poder andar com as próprias pernas, não podendo assim peregrinar pelo mundo sozinha.

E Ezequiel era dado a essas coisas. Andar pelo mundo sozinho, apesar da vontade de ter ligações e vínculos torrenciais com os outros.

Tais vivências e jornadas repaginavam diariamente sua vida, e forneciam a base da grade imaginativa que estaria presente em seus próximos passos em direção à sua especialidade: Aviar destinos venturosos a futuros sempre intrépidos e totalmente imprevistos.

Controlando as “dezenas” que caem em seus pés

Ezequiel começou sua vida como carpinteiro. Assim como seu pai... Gostava do fato, mas nunca o satisfiz a atividade que fazia na época de sua juventude. Com sua coragem e destreza, reinventou seu rumo e seu destino.

Sempre teve uma paixão fundante pelas palavras.

Um dia enviou uma carta para um jornal. Era uma carta simples, mas fervorosa.

Havia nela um conteúdo que o levou a trabalhar como jornalista. O que havia ele escrito era de tal beleza e mistério que nunca se soube ao certo o que redigiu. Mas aquilo fez ele entrar em um novo subarrendado mundo. Dedicou-se, cresceu e enriqueceu. Como ninguém na família antes, com seu mérito, obteve muito sucesso graças a seu ímpeto investigativo e introspectivo.

Escreveu livros, poesias e participou de diversos círculos jornalísticos, onde por muito tempo contribuiu para diversos jornais de importância, o que lhe deu uma certa visibilidade e notoriedade.

Mas tal notoriedade era espraiada. Não tinha concretude. Não criava laços.

Seu sucesso não lhe produzia plena verdade de satisfação.

Sua busca era o amor. Amor de si para os sis. Ele endereçava a si mesmo uma tentação sempre negada. Tentava criar um amor próprio, instigado pela ausência e pelo desejo errante por uma mulher platonizada.

Ele tinha no amor uma expectativa que não era terrena.

Talvez tivesse medo de tocar a mão no melado doce da mulher sonhada.

Tal busca se dissipou um tempo atrás, depois de ter sido virtualmente dispensado por sua anterior namorada,

já quase sua mulher. Ela sumiu pelo mundo. Nunca se soube de seu paradeiro. Mas como a esperança idealizada se renova a cada passo e parágrafo da vida, Ezequiel removeu suas mágoas e transformou-as em pó para perfume de suas próximas paixões.

E foi no meio de todas essas intempéries emocionais, entre o sucesso profissional e a estagnação amorosa, que conheceu a que viria ser sua primeira esposa, Marina. Meio tímida, mas que o tentou logo quando o primeiro olhar se entrecruzou entre eles.

Ezequiel, meio atrapalhado, depois de tê-la conhecido na redação do jornal, presenteou-a com uma flor de plástico. Veja só, uma flor de plástico! Só Ezequiel para ter uma ideia estapafúrdia dessa. Gostava de dissimular o seu amor e carinho quando encontrava alguém de quem gostava. Tinha que demonstrar algo, mas só um pouco, porque se não, iria zangar os seus deuses internos.

Ela era uma intelectual calada, com uma voz calma e cintilante. As pálpebras de seus olhos pareciam querer pular.

Seu instinto feminino aguçado ajudava-a ver que Ezequiel tinha algo do qual ele não sabia dizer de si mesmo. Constatava “um algo” conflitante na natureza dele.

Quem conquistou nesse jogo obviamente foi ela. Ela teve a iniciativa de convidá-lo para um café após o trabalho. Ezequiel não se conteve. Calçou seu melhor sapato e encaminhou-se a um encontro já estereotipado em sua cabeça. Julgou que tudo seria como pensou para aquele dia. Mas foi tudo como num susto bom.

Não se consumou a ordem dos fatores esperada. Marina o beijou, e Ezequiel apenas cuidou de se entregar totalmente.

O primeiro encontro afável entre os dois foi uma espécie de catarse para Ezequiel. Saltou de si uma certa voracidade e desejo, como nunca antes havia sentido... Uma paixão que o deixava impregnado de livre-arbítrio.

Eles se continuavam... A vida torneante e bela era indescritível. A paixão sem intermitências participava sem falácias através do véu que unia os dois amantes.

*Era como aprender a nadar pela primeira vez
Á g u a que te afoga, mas o cheiro da piscina,
Ahh, o cheiro...
Fica marcado na memória*

E após um beijo, as gengivas em estado de torpor absoluto, estavam inundadas pelas salivas doces e salinizadas do par.

*Riomar
Aqui o rio e o mar se confundem
E começam a dançar
E começam a nadar
E a chamar
Você e eu*

Em seu palácio febril, palavras eram obras; Beijos, espumas fustigantes; Abraços eram amores sem pedaços; e olhares, fronteiras sem dor e cor... Amor.

Jornalista também, ela estava acostumada a ver todos os infortúnios da vida para poder transmitir o que via no jornal em que escrevia, e não tolerava o sofrimento na sua

própria casa. Fazia Ezequiel ser o melhor Ezequiel que podia ser.

A realização de seu desejo com Marina apropriou a mulher pré-idealizada em Ezequiel, e que estava antes apenas domiciliada em sua quintessência não completada.

Entretidos na união de suas almas, o ardor provocava um paradoxo ideal.

E de tal paradoxo criativo, criou-se o primeiro filho deles, nascido após um ano de casado. Marcos Filipe, menino enérgico e com boa dose de significativa esperteza.

Ezequiel se descobriu como pai. Sentiu-se fisgado pela abundância de vida que se espairava.

Espalhava-se nas brincadeiras com ele... “Objeto transferencial” agudo. Em “carne viva”, deitava-se ao chão e sentia as cócegas do universo.

Em prantos límpidos, se utilizava de sua “dor” para gerar alegria. Seu filho crescia, e crescia feliz, não crescia torto.

Eis que nas tortuosas engendras da vida, Ezequiel, através dessa fantástica relação com o filho, começa a maquirar e obter a poção mágica da máquina de escrever que habitava sua cabeça.

Entre afagos e prazeres, no trio amoroso que se configurava em sua família, Ezequiel tornou-se um belo escritor de contos infantis, baseados na verdade criativa presente nas crianças e em seu filho.

Em sua regressão, Ezequiel foi longe. Tão longe, que aprendeu a viajar. Não somente interiormente, mas exteriormente.

Outrora caseiro e pacato, começara a viajar e empreender “fugas” espalhadas pelo universo andante dos territórios.

Fez um pacto consigo mesmo, e possuía todos os aspectos inerentes que o possibilitavam realizar suas fantasias.

Uma delas era visitar a África.

Ezequiel, de descendência africana, não se bastava em sua inteireza brasileira.

Sentia uma ligação interconecta com um passado retirado de si mesmo.

Sua atenção ao momento presente era sempre desconectada assim que um simples toque do inconsciente o acarinhava. Esse "toque" vinha desse passado interrompido de outras gerações e de história herdada em sua pele e em seus circuitos bisensoriais. Ora se sentia destituído de espécie, raça e cor. Não sabia sua verdadeira cultura, se ela vinha de seu chulé amargado, de suas roupas extravagantes, ou de suas vagantes ideias. Tudo isso coexistindo em sua dose exuberante de singularidade multifacetada.

Era um certo Vazio que habitava em algum canto de si sem saber se pronunciar direito. E por não conhecer e não reconhecer direito seu perfil e identidade africana, é que precisava entendê-la de alguma forma.

Em uma dessas decadências inconscientes, Ezequiel abraçou o que nele se pedia, e foi em busca desta terra encantada.

Por três meses se sucedeu uma das mais instigantes experiências de sua vida. Encantou-se, se esbaldou e tornou-se um objeto cantante. Cantante e cortante. Cantava e chorava a "dança" daquele povo frente às dificuldades e à pobreza material. O povo de lá tinha uma trôpega felicidade que ia muito além dos problemas tácteis de sua vida no Brasil.

Sua inocência, às vezes fétida, transformava-se em deformada raiva, que tomava Ezequiel de tal forma, na

qual se erguia uma força vitalizante contra as injustiças beirantes naquele espaço de terra deslocada.

Acidental expressão essa em que ascendia suas emoções, que vinha ora em forma de vazio, ora em forma de entonação cáustica, na qual convinha falar, ressuscitar e palavrear, desnudando as bordas infinitas do estranho acometimento emocional que o tomava e o deixava à beira do precipício. Mas esse precipício era apenas o princípio de uma jornada inesgotável a longas terras que o esperavam e o espreitavam.

Miríades de desejos o impulsionavam, e formavam em si, um si mesmo forte e desbravador. Desbravava sua própria dor, confinada em seu antro de fé. Sua fé, baseada no ser humano e em sua arte. Arte do amor, da regeneração, compaixão e da latitude exponencial de suas atitudes e valores.

Não fabricava sua fé em abordagens ilícitas vindas de outros seres humanos. Não tinha a boa vontade de se vender e se render a nenhuma religião. Tinha em si mesmo a ligadura do bem, da paz e da verdade, apesar de sua dor.